

# Suplemento Cultural

## O Pequeno Índio Branco

ACYR VAZ GUIMARÃES

Por que teriam os paiaguás aprisionado um menino, ao invés de matá-lo como fizeram com outros que viajavam na grande monção paulista que descia o Porrudos? Teria sido a beleza de seu rostinho ovalado, de olhos azuis, cabelos encaracolados, que o fazia parecer com pequeno príncipe de que tanto falavam os brancos? Ou seria porque, ao ataque da monção em meio aos gritos de guerra e ao soar das taracas, sob o zumbido das flechas ao ar, punha-se o pequeno a auxiliar heroicamente seu pai na defesa do canoão, fazendo a carga do arcabuz enquanto o outro era empregado por seu pai, fazendo explodir em revide às setas que assobiavam por cima de suas cabeças? Teria sido a coragem do garoto o pretexto para conservá-lo vivo e dele fazer um verdadeiro príncipe paiaguá?

Crescera o pequenino, órfão, entre os meninos paiaguás. Logo se afeiçoara a todos fazendo jus à sua esper-

teza e sua coragem ao se lançar às águas profundas do rio ou na caça, manejando o seu arco e flecha.

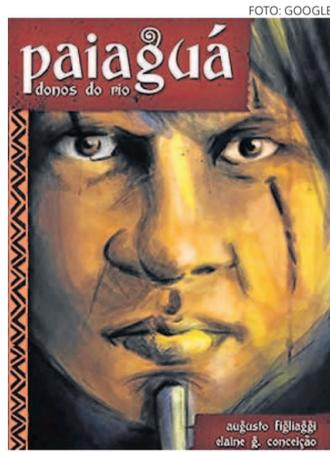
Corria na areia branca da praia do grande rio como o fizera nas brancas areias de um bem maior que aquele – de grandes ondas de água salgada! Dependurava-se e balouçava nos cipós das grandes árvores para despençar de ponta-cabeça ao fundo do grande poço do rio; nadava e mergulhava como um peixe junto aos meninos de olhos rasgados, de cabelos escorridos, de tez escura, que lhe ensinaram uma língua diferente do que antes aprendera.

Não tinha pai, nem mãe. Era livre e fazia de tudo, sem ser molestado, tal como acontecia com os seus novos irmãos. Não tinha obrigação a cumprir. Apenas acordava cedo – muito cedo, e se punha a ouvir o caburé que morava em alta árvore que encimava o seu abrigo coberto com folhas de palmeira. Acompanhava os mais velhos às caçadas e às pescarias para aprender a arte da sobrevivên-

cia e manejava o remo para dar velocidade à canoa que um dia, por certo, seria sua. Levava o seu arco e suas flechas e sempre trazia sua pequena caça, fosse o pato, a paca ou mesmo o porco-do-mato.

Três anos eram decorridos e eis que toda a tribo se apresenta para subir o grande rio, como sempre fizera, até o sangradouro, depois dos morros, para espreitar uma grande e rica monção que dera sinal de aproximação. Homens, mulheres e crianças – todos. Ele também.

Pela madrugada, pressentida a monção, vai-lhe ao encontro em tremenda azuada, aos gritos de guerra que ecoam pelo infinito das águas lodacentas. Remam exaustivamente, atiram suas flechas, emborcam os canoões inimigos, ou molham os seus arcabuzes, os seus bacamartes, as suas espingardas e a pólvora, para desarmá-los. De ambos os lados, caem mortos brancos, negros e índios, mas ao final, limpo o rio dos canoões da rica monção, resta a vitória dos paiaguás.



OBRA DE AUGUSTO FIGLIAGGI E ELAINE G. CONCEIÇÃO – descreve o combate entre índios e portugueses, no velho Mato Grosso (adaptada também para 'revista em quadrinho').

Da canoa do cacique levanta-se um pequenino de dez anos de idade, queimado de sol, de cabelos aparados e grita em português para os monçoeiros: – Venham para o largo do rio, venham para morrer debaixo de nossas flechas! Covardes!

Era a outra língua – a de seu pai,

“

Crescera o pequenino, órfão, entre os meninos paiaguás. Logo se afeiçoara a todos fazendo jus à sua esperteza e sua coragem ao se lançar às águas profundas do rio ou na caça, manejando o seu arco e flecha”

o monçoeiro português Lobo que, em 1727, ali mesmo fora morto pelos paiaguás e que o tempo o fizera esquecer, embevecido pela vida livre do sertão banhado pelo grande rio onde vivia junto aos terríveis paiaguás. Um legítimo príncipe que remava, ao lado do cacique, levando o ouro de el Rei.

## Velho Cleves

OTÁVIO GONÇALVES GOMES

O velho Cleves era um professor de música que apareceu em Rio Pardo. Homenzarrão: alto, forte e espadado, usava chapéu de abas caídas nos olhos. Enterrava-o na cabeça para não cumprimentar ninguém e para não ser encarado pelas pessoas.

Era de pouca conversa, evitava ao extremo e sistematicamente as pessoas estranhas. Músico competente, organizou e dirigiu a banda de música local, escrevendo pessoalmente as partituras de todos os instrumentos, quer de corda, percussão ou sopro.

Ensaíou e fez funcionar a Filarmônica Santa Cecília.

Quando da organização e denominação da banda de música, o Deraldino, baiano analfabeto, que tinha a mania de falar palavras difíceis, sem saber o significado, e gostava de dar opinião sem saber o que estava dizendo, escolheu e deu o nome: Furiosa.

Foi vencido na votação, mais o nome ficou. Todo mundo chamava a bandinha de furiosa, apesar do nome oficial 'Filarmônica Sta. Cecília'.

O velho Cleves, como todo músico do interior, teve de arranjar outro emprego para se ajudar. Além da música, que ensinava aos filhos do comerciante Abdon – que construiu uma orquestra em família –, passou ele a lecionar o curso primário em casa da mesma família, agregando a ela algumas outras crianças.

Ensinou com eficiência.

Gostava ele de um aperitivo, por isso, e também porque ensinava as primeiras letras ao Cassiano – bolicheiro negro e simpático – passava, todas as manhãs, de frente à porta do sobrado do meu tio-avô Filadelfo Alves da Silva.

O tio “Defo”, como o chamava todo mundo, era um velho afável, que gostava de conversar e fazer amizades. Tinha sempre um cafezinho gostoso, feito pela minha avó Chiquinha, para servir a qualquer momento.

A vovó possuía uma cafeteira especial, daquelas fabricadas em Uberaba ou Barretos, naqueles bons tempos. As ditas vinham de encomenda por meio de algum parente boiadeiro. Era de metal folheado, amarelo, com enfeites brancos da mesma folha.

O café era trazido na própria, que vinha brilhando como ouro – areada que era, com cinza e laranja azeda. A infusão, feita a capricho com café torrado e moído em casa e com água fervida antes de colocar o café, era nunca fervida com ele.

O coador de pano, a cafeteira e as xícaras eram escaldadas com água fervente, antes do café ser passado. Aquilo vinha fumegando e recendendo de muito longe.

O café de minha avó era o legítimo cafezinho brasileiro, daqueles que se toma uma vez e nunca mais se esquece. Daqueles, que são o martírio das mulheres modernas. O marido toma café e diz: bom, mas não

igual ao da minha mãe ou da minha avó...

A mulher recém-casada quebra as unhas, queima-se toda na chaleira, mas não consegue fazer um café igual. Pois bem, o professor Cleves passava todas as manhãs, bem cedo, pela calçada do tio “Defo”. Maestro passava sem cumprimentar ninguém. O tio “Defo” procurava atraí-lo ao cumprimento e nada. O velho professor percebendo, virava o rosto, disfarçava, puxava o chapéu na cara e passava.

Um dia, na hora de costume, o tio “Defo” mandou preparar a bandeja com as xícaras e o café. Sabia que o velho tinha que passar por ali e ficou de espreita. Não demorou muito e o velho Cleves, distraído, veio-se aproximando, batendo seus sapatos na calçada. Quando defrontou a porta, o tio “Defo”, que era um velho brincalhão, cercou o professor de música, com a bandeja, e lhe disse nas bochechas: – Bom dia professor. Olha o cafezinho quente...

O velho Cleves refugou. Bufou... desviou-se e passou pisando duro. Seguiu o seu caminho e foi comentar com seu Cassiano, que era vizinho e amigo do tio “Defo”.

Disse-lhe o professor Cleves: – Aquele velho do sobrado teve a audácia de me cercar para me oferecer café. Não gosto de intimidades. Isto é um desaforo.

O tio “Defo” se divertia contando a todo mundo o refugio do velho Cleves. Na vila, aquilo foi assunto de vários dias.

## POESIAS

### ESTRANHO VINHO

O amor é um cálice, a paixão é o vinho.

Feliz de quem não sorve o seu conteúdo.

Sendo a existência a música de um ninho,

Toda paixão é um desespero mudo.

Ah! Quantas vezes o homem perde tudo

Quanto reuniu ao longo do caminho!

Mas, firme, sem temor, sem lança ou escudo,

Faz muito mais do que perdeu, sozinho.

Amar! O amor é lei. Por paroxismo,

Existe entre a paixão e o amor um abismo

No qual vítima alguma se socorre.

O amor eleva e a paixão esmaga.

Quem bebe desse vinho não se embriaga,

Mas enlouquece, se envenena e morre!

ALTEVIR ALENCAR

### O AMOR – OUTRA VEZ!

Nasci no descampado por isso anseio pelo espaço livre! Mas temo a solidão das ruas a solidão dos campos das gentes no campo e dos campos na gente.

Mas me apavoro com a multidão... A multidão que pisa duro e firme e segue em frete e que não para e que não acaba mais...

Amo esse descampado onde nasci! Aqui o vento bate forte desfolhando os mangueirais... O azul do céu é tão azul que violenta meu ser. As estrelas têm o brilho mais brilhante que já vi. E a lua cheia faz medo de tão perto que chega da gente e os rios que banham a minha terra não são rios porém para mim o são pois vivem a prosear e a guardar incríveis segredos...

LÉLIA RITA DE FIGUEIREDO

## NOTÍCIAS DA ACADEMIA

‘CHÁ ACADÊMICO DA ASL’ ENFOCA “A INTENSA MUSICALIDADE DAS METÁFORAS” – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em parceria com a ACP, apresentará na quinta-feira (25/06), às 19h (na sede da ACP – Rua 7 de Setembro, subesquina com a Rui Barbosa), o seu tradicional *Chá Acadêmico*. Na ocasião, haverá uma concisa palestra ministrada pelo acadêmico J. P. Frazão, que discorrerá sobre o relevante tema: “A intensa musicalidade das metáforas”. Escritor e jornalista, Frazão é o titular da Cadeira nº 29 da ASL.

Aberto aos convidados, o “Chá Acadêmico da ASL” acontece na última quinta-feira de cada mês, sempre apresentando uma concisa palestra de interesse da sociedade.

## Outono

Sol de Justiça, brilhe sobre mim, transforme meus erros em virtudes.

RAQUEL NAVEIRA

Dia ensolarado de outono. Calor combinado com frescor. Reflexos dourados iluminando as calçadas cinzentas. Outono é a estação que mais amo. Nesse ciclo eterno de nascimento, formação, maturidade e declínio em que se movem a natureza, os seres humanos, as civilizações, dobrei justamente a esquina do outono. Muitos sonhos foram embora, despedaçados. Guirlandas de flores se romperam. Passei por pro-

vações, lutas, perdas, desencantos, como todos neste mundo de aflições, mas sinto ainda com doçura o vento ondulante e a luz clara desta manhã.

Uma manhã assim poderia ter inspirado um quadro de um pintor impressionista, executando seu trabalho ao ar livre, com a tela, o cavalete, a paleta de tinta com as cores do arco-íris, sentado num banquinho, respirando o azul frio do céu. A obra mais importante do principal pintor impressionista, o francês Claude Monet, chamava-se “Efeito do Outono em Argenteuil”. Argenteuil era uma pequena localidade às margens do rio Sena, perto de Paris, que naqueles fins do século XIX ia se abrindo aos viajantes e à indústria, graças às estradas de ferro. Trata-se de uma paisagem mo-

derna, fiel representação das impressões e sensações que os olhos do artista captaram, aqueles olhos que um dia ficariam cegos para a luz e para a arte. Quantas texturas nesse quadro: as nuvens arredondadas como carneiros cobertos de lã; o rio de superfície encrespada; o amarelo e o ocre das folhas de outono mesclados aos tons de verde e rosa das massas de plantas; chaminés e torres à distância espelhadas na água; a faixa azul entre o rio Sena e a cidade desenhando uma ponte entre os arbustos. Tudo tremula, fuge, vibra em nossas retinas.

Tão lindo quanto esse quadro só mesmo um haicai de outono. O haicai, poesia fina, sintética, expressão simples de origem japonesa, é pura emoção colhida do voo furtivo das

estações que passam. E o melancólico outono é mais uma estação da alma que da natureza, como diria Nietzsche. Guilherme de Almeida, poeta paulista, modernista, que publicou vários haicais no seu livro “Poesia Vária” e morou numa casa da colina, assim traçou um retrato da velhice: “Uma folha morta./Um galho no céu grisalho./ Fecho a minha porta.” Mário Quintana ficou em dúvida se tinha visto uma borboleta ou uma folha seca desprendida de alguma árvore do outono, solta no ar. E até o revolucionário Paulo Leminski, que escreveu uma biografia de Matsuo Bashō, o mestre criador do haicai, afirmou que duas folhas presas em sua sandália eram o outono querendo andar. Bem ao gosto do haicai, que se refere a um

evento particular, a um flagrante instantâneo, o outono está acontecendo agora, nesta rua, na minha vida e no meu pensamento.

Talvez então eu devesse me lembrar do deus Baco ou Dionísio com suas colheitas, cachos de uvas, vinhos, cornucópias de frutos ou ler em voz alta aquela passagem bíblica do profeta Joel incitando o povo de Sião a se regozijar no Senhor, pois ele é o Deus que dá as chuvas de outono conforme a sua justiça.

Vou orar baixinho: – Sol de Justiça, brilhe sobre mim, transforme meus erros em virtudes, que nada fique igual. Que haja mudanças. Que eu seja despida da folhagem que não é real e me renove em vitória, nesta quadra de outono.